

A sociedade participativa

Takeshi Imai

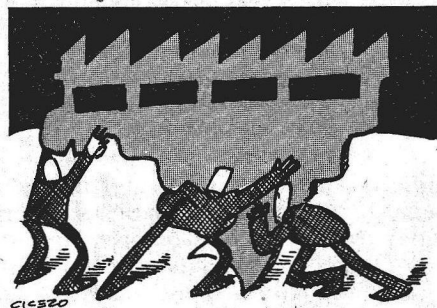
18 MAI 1991

Vivemos numa ordem político-econômica que gera inflação incontornável e uma espiral de juros e de impostos que estão descapitalizando a maioria da população. Hoje, milhões de brasileiros desiludidos estão mudando ou planejando mudar-se do Brasil. Chegamos ao limite do suportável.

Mas não seria melhor que, em vez de mudarmos do Brasil, ajudarmos o Brasil a mudar? Os exemplos japonês e italiano estão aí para nos inspirar. No Japão, uma ordem econômica baseada na convergência de interesses entre patrões e empregados gera grande prosperidade. Trabalhadores estão se empenhando em suas empresas como se fossem os próprios donos e recebem, além dos salários, polpudos bônus proporcionais aos resultados das empresas.

Lá os juros e impostos cobrados na venda dos produtos industriais são os mais baixos do mundo. Esses fatores estão deixando tanto os assalariados quanto os empresários japoneses simplesmente riquíssimos. Paradoxalmente, juros e impostos baixos não deixam nem banqueiros e nem o governo japonês mais pobres. Tanto uns quanto outros estão hoje entre os mais ricos do mundo.

Na Itália, após vários anos de crises governamentais intermináveis, os italianos cansados do desgoverno iniciaram o desenvolvimento da maior re-



de de empresas e de economia subterrânea do mundo, que contribuiu decisivamente para tornar a Itália o país mais próspero da Europa.

Essas nações conseguiram atingir prosperidade após a mudança de suas ordens econômicas. Elas são pobres em recursos naturais, energéticos e agrícolas, mas hoje não devem nada a ninguém.

Não percebemos que nosso País, com um povo ordeiro e laborioso, riquíssimo em recursos naturais, é a oitava potência industrial do mundo, a quinta potência agrícola, mas ocupa vergonhosa 65ª posição na distribuição mundial de renda.

Há uma crise de percepção no Brasil. Não percebemos, por exemplo, que 50 a 70 por cento do preço final de produto industrializado brasileiro são compostos de impostos diversos e juros. Sobram 30 por cento para pagar salários, materiais, investimentos e lucros. Por isso os salários são baixos. Por isso há poucos investi-

mentos e poucos empregos. No Japão, apenas cinco por cento do preço final é a soma de impostos e juros. Os outros 95 por cento vão para salários, materiais, despesas, investimentos e lucros.

Chegamos a essa situação insustentável principalmente devido à falta de articulação da sociedade brasileira, que não se organiza para reivindicar e cobrar junto ao Governo e à classe política suas necessidades autênticas e legítimas. Criamos um Estado que nos governa sob privilégios e interesses particulares que passam por pseudos-interesses legítimos da Nação, convertendo-nos numa falsa democracia.

É necessário implantarmos no Brasil a verdadeira democracia participativa. Lançamos a campanha "Não Mude do Brasil, Ajude a Mudar o Brasil".

A nossa campanha reúne brasileiros que não pretendem mudar do Brasil e, ao invés de reclamar da situação, pretendem ajudar a mudar o País para melhor. Iremos colocar em prática um trabalho que, por mais humilde que seja, vai ajudar o Brasil a melhorar. Pode ser apenas uma mudança dentro de nossa família, ou dentro da empresa em que trabalhamos, ou no nosso bairro ou na cidade em que vivemos.

■ Takeshi Imai, empresário, é vice-presidente da Associação Nacional de Administração Participativa